

Discurso  
de  
parlamento (\*)

Tirastes-me do meu recôlhimento, onde me refugio após as atividades cotidianas, que se vão restringindo cada vez mais, como uma limitação imposta pela natureza à precariedade humana, para o esplendor desta festa, engalanada pela presença de vossas famílias e de vossos mestres, com que coroads tantos anos de árduos e exaustivos estudos. Eu vos agradeço, comovido, por êsse vosso gesto de nobreza, com que evidenciais que nem tudo, neste mundo, é interêsse e imediatismo, vaidade e ostentação.

Em outras épocas, não me desvaneceria tanto uma distinção da natureza da que me conferis, porque, posta à margem a modéstia, abrigava comigo um certo resquício de convicção de que não era de todo imerecida a homenagem. Hoje, porém, que me sinto no outono da vida, que a aproximação dos gêlos do inverno me enfraquece as energias e me amortece os ímpetos, que não posso, com grande mágoa minha, comunicar aos discípulos o mesmo entusiasmo de outrora pela ciência que professo, considero o vosso rasgo mais que um simples gesto de fidalguia, um ato de pura caridade cristã. Deus vos recompense por isso.

Digo caridade cristã, sim, porque com êle reavivastes uma chama que se vai extinguindo aos poucos, conseguistes infundir vida nova num organismo que o tempo implacável debilita e corrói, revocastes ao vosso convívio, para mais alguns momentos de doce entretenimento, quem sempre encontrou o maior encantamento em viver em vosso meio, ombro por ombro convosco. Desçam sôbre vós, por isso, as melhores bênçãos do Céu.

Perdoai-me, meus jovens amigos, que me ocupe de mim. Podeis nisso entrever mais um indício da velhice que se apropínqua. Os velhos sentem um grande júbilo em falar de si: Será vaidade? Será egoísmo? Não creio. Para mim, a explicação é outra. A velhice é a quadra em que se vive de recordações. E falar no passado, já o disse um poeta, é vivê-lo outra vez. Não importa o azedume com que Horácio se refere aos velhos --laudatores tem-



poris acti. Cícero, <sup>em compensação,</sup> ~~entretanto~~, faz dessa estância da vida o mais sublime elogio.

Não sabeis, moços que me ouvís, cujos olhos cismadores, pelas condições da própria idade, se acham projetados invariavelmente para o futuro, não sabeis, repito, o que é ficar a gente à margem do caminho, solitário e taciturno, e olhar para trás a longa estrada percorrida no tempo, a evocar pequeninos quadros felizes, verdadeiros pedacinhos de nós mesmos, que ficaram dependurados aqui e ali, nos galhos das árvores, e cujas sombras sonhamos tantas coisas belas, que a pátena dos anos amortalhou no silêncio de um passado morto. Não sabeis, digo mais, nem podeis equilatar e ainda, como é delicioso êsse sonhar de olhos abertos, que representa a fuga do presente, para nós tão cheio de sombras e tristezas!

Mas deixemos o passado, que é cinza e pó. Falemos do presente, que é a realidade patente aos nossos olhos. Esqueçamos, por um momento, que o feijão atingiu a preços astronômicos, que a carne se evadiu dos açougues, que os ovos, o pão, o leite, se transformavam em alimento de gente rica; em resumo, que a miséria ronda os lares das classes menos favorecidas, sempre a mais numerosa numa comunidade social. Esqueçamos tudo isso, para falar apenas no que o presente tem de bom, nobre e confortador, que sois vós, meus amigos.

É uma imagem cediça, mas bem apropriada ao momento atual, a afirmação de que encerrais hoje, vitoriosamente, uma etapa de vossa vida, para começar outra, que tudo faz prever, mais gloriosa e brilhante. Até agora nada mais fizestes do que aparelhar-vos para a grande batalha que vos espera amanhã, certamente mais dura e difícil, de que saireis, por isso mesmo, mais engrandecidos e glorificados.

Não me refiro aos êxitos que granjeiam a riqueza e o bem estar pessoal, porque êsses conseguem também aquêles que não consumiram as noites em vigília, debruçados sôbre os livros, como vós; refiro-me aos outros êxitos, únicos e verdadeiros, porque universais e permanentes, obtidos na luta pela melhoria e dignificação da espécie humana.

Numa noite festiva como esta, em que os vossos cora-



ções mal disfarçam o júbilo interior, em que sentis, em tôda a sua plenitude, a alegria da concreção de vossos ideais, longamente acalentados, descaído seria que o vosso paraninfo aqui viesse lembrar-vos as graves responsabilidades de vossa futura missão. No segredo de vossas consciências, já pesastes devidamente a tarefa que vos cumpre desempenhar, num mundo convulsionado, como o atual, cheio de nuvens e apreensões. Dir-se-ia que desapareceu entre as nações a confiança recíproca - condição necessária para a paz e a tranqüilidade internacional. Cada povo é dominado pela incerteza do dia de amanhã. Dêsse estado de espírito decorrerá uma série de conseqüências que nos fará prever um destino tormentoso e funesto para a humanidade.

É que da incerteza nasce o desassossêgo, do desassossêgo a angústia, da angústia o desespero, cujos resultados são imprevisíveis. Apodera-se dos indivíduos, como das nações, uma espécie de neurose coletiva. Não se fala, não se pensa, não se age, senão em função da guerra. Esta passa a ser, então, a única preocupação dos povos. O pavor do futuro impele o homem para a invenção dessas máquinas mortíferas que podem, de um momento para o outro, riscar do mapa nações poderosas e modificar inteiramente a constituição da carta geográfica do mundo. Humanidade infeliz que assim se precipita para a sua própria ruína!

O vosso papel, meus jovens amigos, é dissipar essas nuvens negras, é afastar êsses maus presságios, é desarmar os êspíritos, é, numa palavra, mostrar ao mundo que a razão de ser do indivíduo, como do Estado, é a felicidade, e que esta jamais poderá existir sem a coexistência tranqüila dos povos, que lhes permita o aproveitamento de todos os seus recursos para o bem comum. Este, o vosso apostolado. Não é fora de propósito que vos fale em apostolado. Já se tem comparado o magistério a um sacerdócio. É outra imagem que, à força de repetida, se tornou corriqueira, mas a verdade é que nenhuma se nos afigura mais expressiva para revelar o espírito de devotamento e de sacrifício que ~~se~~<sup>ele</sup> exige dos mestres, em seu afanoso ministério.

A vossa tarefa é mostrar que o progresso científico deve tender unicamente a melhorar as condições da vida humana, nunca ao seu aniquilamento. Seria preferível, a vivermos horas tão angustiosas, como as



que vivemos, que voltássemos ao passado, à vida tranqüila dos patriarcas, à beatitude da existência no campo, entre rebanhos e pastores, naquele doce bucolismo, pintado com suaves tintas, pela pena maravilhosa de Teócrito e Vergílio. Seria preferível, repito, que anulássemos tantos séculos de civilização, tantas conquistas assombrosas, que são o orgulho de nossa época, com a condição de que a humanidade se sentisse menos torturada, menos infeliz.

É claro que falo em tese. Não desejo, como vós também não desejais, êsse retôrno ao passado. Seria o cancelamento de tantas vigílias, de tantos esforços, de tantos sofrimentos!... O que todos almejamos, isso sim, é que se faça da ciência um legítimo emprêgo. E nenhum mais adequado do que dar ao homem na terra a felicidade por que o seu coração se suspira.

Em nenhum momento da vida do mundo se assistiu a invenções tão extraordinárias, verdadeiros milagres científicos, como os que presenciamos. Deus parece empenhado em revelar à criatura os seus segretos arcanos, para que esta se volte reconhecida para Êle e o encontre pelo poder da inteligência, encontrando, destarte, também, a sua bem-afeturaença eterna.

A geração passada de mestres, desprovida dos amplos recursos com que hoje contamos, preparou a falange atual de cientistas, que deixam o mundo estarecido com as suas maravilhosas descobertas. Não alimen<sup>to</sup> a menor dúvida do que está reservado à vossa, no terreno das realizações científicas.

O avanço da ciência se tem acentuado de tal maneira, neste último quartel do século XX, que nos fica a impressão de que estamos invadindo, ou quiçá mesmo, conquistando o domínio secreto, que os pagãos reservavam aos deuses imortais. Não estará longe o dia em que, pelo domínio dos ares, se chegue a mundos desconhecidos e se conheça o insondável mistério de sua existência multimilênar. Só lastimo, - permiti-me êste pequeno desabafo, - que a vida não me seja suficientemente longa para assistir ao livre trânsito dos aeronautas pelo espaço interplanetário, que iniciará para os povos a sua era mais gloriosa. Resta-me, entretanto, a consolação de que



1530 talvez esteja reservado aos vossos dias ou aos dias de vossos filhos.

Se tal acontecer, imenso será certamente o vosso orgulho, porque os homens de ciência que o realizaram serão aquêles mesmos que, adôlescentes, respiravam o mesmo ar que respirais, conviveram intimamente com vosco, ouviram as vossas sábias lições, em suma foram vossos alunos.

Não abusarei desta tribuna para vos recomendar, na qualidade de vosso paraninfo, cujo título me confere umas tantas prerrogativas, que não desfiteis jamais os olhos dos livros, que continuáreis na sua diuturna familiaridade, porque sei que tal recomendação não teria sentido. O estudo é uma espécie de hábito que se adquire nos bancos acadêmicos, às vezes mesmo antes, na escola primária, e que nos acompanha pelo resto da vida. O que vos aconselharei, se isto me permitirdes, é que levanteis, de quando em quando, os olhos de suas páginas, para meditar. O cérebro é como o estomago, precisa de pausa para a digestão.

Meditar, por conseguinte, medita**ir** <sup>bem</sup> no que estais lendo. Uma hora de meditação vale <sup>certamente</sup> mais que duas de leitura. Não devemos esquecer que as grandes descobertas nascem <sup>de</sup> meditação. Meditai na vossa família, na vossa pátria, no vosso destino e, sobretudo, meditai em Deus. Lembrai-vos de que Ele é o criador de tôdas as coisas. Desconfiai dos falsos profetas que vos falam da felicidade sem Deus. Não consiste esta, como êles apregoam, nem pode consistir, no conforto material, na consideração pública, no gôzo dos prazeres, que deixam sempre na alma um travo de dor e de amargura. Além disso, todos êsses bens, se é que <sup>o</sup> são, têm a vigência apenas de um instante, desaparecem como <sup>o</sup> ~~se~~ <sup>fulgor</sup> efêmero, deixado no céu pelos meteoros. E quem diz que essa hipotética felicidade satisfaz aos vossos desejos, ignora os verdadeiros anseios do coração humano.

Razão tinha, pois, Santo Agostinho quando sentiu o seu coração inquieto, enquanto não repousasse no Senhor: Inquietam est cor meum, dum requiescat in te. Unicamente em Deus, com efeito, podemos encontrar aquela felicidade por que aspiramos, e isso porque não muda, porque é sempre a mesma, porque é perene e eterna.

Só o ímpio poderá dizer em seu coração: "Não há Deus". A sua existência se acha comprovada por todos os seres da criação. Dêle nos



fala a sinfonia das esferas celestes, a profundidade incomensurável do oceano, a extensão quase ilimitada de terras com tudo o que nela vive e palpita, os animais, as plantas, o homem, enfim. Vã será qualquer tentativa que vise a descobrir incompatibilidade entre Deus e a Ciência

Na vossa ambição de saber, não vos esqueçais nunca de <sup>que</sup> Ele é o autor de toda Ciência. Razão assistis, pois, a Bacon quando dizia: "A pouca ciência afasta o homem de Deus, mas a muito d'Ele se aproxima". Fechemos os ouvidos, cautelosos, aos propagadores da pedagogia naturalista, que exclui Deus das suas cogitações; antes ouçamos a advertência do S. Padre Pio XI, de veneranda memória: "É falso todo o naturalismo pedagógico que, na educação da juventude, exclui ou menospreza, por todos os meios, a formação sobrenatural cristã".

Não vos deixeis nunca arrebatar pela idéia de que a Ciência se sobrepõe a tudo, que ela tudo explica, que tudo resolve; tendes antes ~~antes~~ bem presente que a filosofia, ou seja, a scientia scientiarum, fracassou lamentavelmente. Os ensinamentos de um Sócrates, Platão ou Pitágoras, não conseguiram tornar a humanidade melhor. Alexandre ouvia as preleções de Aristóteles, mas levava no sangue dos vencidos as suas ambições de conquista; Nero ouvia os preceitos morais de Sêneca, o que não impediu de ser um monstro ~~exagerado~~ <sup>execrado</sup> pela História.

Foi o cristianismo que amenizou os costumes bárbaros, que ensinou ao Senhor a piedade com o escravo, que libertou a mulher do cativo social, finalmente que reabilitou a criatura humana. Estabelecendo a igualdade de todos perante Deus— Não é o senhor maior que o seu servo; deulhes a possibilidade de alcançar a vida feliz que, afinal, outro não foi o objetivo de Deus na criação do homem.

Armado com a chave forte do cristianismo, encetai a vossa missão benfazeja, meus jovens amigos. Daqui desta tribuna, já antevejo os vossos triunfos. Tenho a certeza de que, em vosso ministério, jamais tereis ocasião de repetir aquelas palavras desalentadoras de <sup>um</sup> moralista pagão: "Nunca saí a tratar com os homens que não tornasse pior do que fui. Sempre se me descompôs algumas das paixões que já tinha composto e sempre tónei a trazer comigo alguns dos vícios que já tinha desterrado". Muito ao contrário, espero



que, ao recolherdes aos vossos lares, vos sentireis cada vez mais entusiasmados com os resultados de vossa nobilitante missão, mais seguros dos benéficos efeitos do vosso contacte com os homens, mais confiante nos altos destinos da espécie humana.

Há uma passagem do Evangelho que me comprazo em citar aqui. Trata-se de uma cena em que Maria, irmã de Lázaro, bebia, enlevada, as palavras de salvação, que jorravam dos divinos lábios de Jesus. Marta, ao revés, indiferente às lições do mestre, se afadigava no trato da casa e no manejo do serviço doméstico. Descobrimo Jesus nos olhos de solícita Marta a censura que não tardaria a externar, apressou-se em justificar a atitude da irmã: "Maria optimam partem elegit, quae non auferetur ab ea". "Maria escolheu a melhor parte que não lhe será tirada."

Colhi êste passo do Novo Testamento, de propósito. Muitas solicitações certamente tivestes do mundo, dos vossos amigos, que sabe mesmo? de vossos pais, para outras carreiras, quiçá mais vantajosas e sedutoras, materialmente encaradas, mas preferistes a do magistério. Felicito-vos, por isso. Não há missão, em verdade, mais nobre do que a do educador. A tarefa do mestre não é apenas a de um iluminador de inteligências, de um aclarador de idéias, de um transmissor de conhecimentos. Nisso reside precisamente a diferença entre o mestre de antanho, que visava apenas a instruir, e o mestre de hoje, que objetiva, acima de tudo, a educar. Não há lugar, na escola moderna, para aquêlles preceptos austeros, irritadiços, intratáveis, que não admitia divergência de opinião, que só concebiam o ensino como uma coisa penosa para o estudante, atulhando-lhe a memória de regras e regrinhas, que era enfim o espantinho das classes.

Razão de sobra assistia a Pestalozzi, quando disse que as relações entre o professor e o aluno devem ser fundadas no amor. É a simpatia que desperta a pessoa do professor uma das condições para a boa aprendizagem. Do comportamento afável do mestre na classe depende, muitas vezes, o êxito do ensino. A preferência dos estudantes por certas disciplinas encontra, não raro, a sua explicação, no entusiasmo que sentem pelo professor. Quem vos assegura isto, pode dar o seu testemunho pessoal. Lembro-me sempre, com imarredoura saudade, da figura querida do meu querido professor de Português. Não conheci, em todo o meu longo trato com as coisas do ensino, ti



diferente de atividades reclama a vossa participação imediata. Hoje, começa para vós realmente a vida.

A expectativa do que será essa nova fase entreterá a vossa vossa atenção, que <sup>se</sup> sabe?, desviando-vos do pensamento do passado, vivido entre as paredes da Faculdade, em doce comunhão com o vosso abnegado diretor, com os vossos mestres devotados, que, todavia, aqui continuarão, remoendo os mesmos pensamentos tristes, remexendo aquelas mesmas cinzas frias, outrora fagulhas ardentes, que lhes davam calor e vibração. Um pensamento entretanto os conforta: é que as flôres que atpetarem a vossa estrada nasceram daquelas sementes humildes que êles, um dia, lançaram no terreno fértil da vossa inteligência. E isso lhes basta para tornar a saudade menos dolorosa.

Para vos compensar de uma oração <sup>tão</sup> longa e sem atrativos, fui pedir, de empréstimo, a Fernando de Azevedo as palavras finais <sup>que</sup> = ~~que serviram como um resumo de~~ tudo que eu vos quis dizer e não soube: "Se eu pudesse ambicionar a glória de repartir com vossos discípulos um pouco de mim mesmo, e talvez o melhor de mim mesmo, eu creio que não hesitaria em legar-lhes êsse horror à covardia do isolamento e essa dedicação sem reserva, com um entusiasmo, sem desfalecimentos, à pátria e à humanidade, à cultura e à ciência, à família e à profissão, como se o ideal supremo fôsse morì in actu, morrer de pé, em plena atividade, como sonhavam os romanos antigos, na sua concepção austera e quase gheróica da vida." *Que Deus sempre illumine a vossa estrada, meus jovens e queridos amigos.*



po mais perfeito e acabado de humanista. A influência que exerceu sobre mim foi decisiva. Tenho-o sempre diante dos olhos como o protótipo do mestre, que procuro imitar, sem que jamais tenha conseguido igualá-lo. Resta-me, contudo, o consolo de que ~~ele~~ não deslustrei<sup>as</sup> suas sábias lições.

Estou penetrando numa ~~secre~~ defesa ao autodidatismo. Perdoai-me, pela ousadia. Certamente conheceis os meios que conduzem à eficiência do ensino. Não foi à toa que passastes um ano inteiro, ouvindo os vossos dedicados professores de Didática. Nisto podereis dar-me lições. Quem vos fala, entretanto, não é um leigo no assunto. Tem no seu acervo trinta anos de experiência, passados entre alunos de todos os cursos, desde o primário até o superior. Por isso, se acha de certo modo, capacitado para ministrá-vos um conselho, e êle será o último. Tende fé na vossa sublime missão. Em vão doutrina quem não confia nos efeitos de sua pregação. O magistério, ~~reputado~~ <sup>reputado</sup>, é um verdadeiro apostolado. Um apóstolo sem fé jamais poderá fazer sequer uma conversão.

"A fé, diz S. Paulo, remove montanhas". Forrai bem o vosso espírito dessa fé inabalável na grandeza do destino humano. Não importa que os céticos mofem de vossa crença. Assim foi sempre o mundo, que apesar disso, nunca deixou de florescer em santos e heróis. A cada sorriso de escárneo atirai-vos, com renovado zêlo, à tarefa que hoje solenemente juraste realizar. Um dia assistireis ao triunfo de vossos ideais. Então tereis a recompensa de ver o vosso suor germinar em floreações esplêndidas; então vos convencereis de que valeu a pena lutar para colher frutos tão surpreendentes; então aguardareis, felizes, a velhice, com a consciência tranqüila de haver cumprido um dos mais sagrados deveres humanos.

Meus jovens colegas

Chegamos agora ao epílogo desta solenidade. É sempre dolorosa a última parte do discurso de paraninfo. É a hora das grandes emoções. Todos os anos, a mesma cena se repete. Já era tempo de encará-la como um fato comum na vida acadêmica. Entretanto, tal não acontece. Chegadas a este momento, somos todos prêsas do mesmo sentimento de tristeza. Para consolar-vos, ainda vos resta a esperança das surpresas de uma vida nova. Com efeito, um mundo novo se abre hoje ao vosso olhar inquieto. Um mundo